



AMAZÔNIA:

TRABALHO ESCRAVO

+ DINÂMICAS CORRELATAS

APRESENTAÇÃO

Até a década de 1960, menos de 1% das árvores da Amazônia havia tombado. De lá para cá, grandes projetos de extração de minérios, de geração de energia hidrelétrica e, principalmente, de expansão agropecuária impuseram um modelo de desenvolvimento predatório que já devastou um quinto do território original da floresta*. Tudo em nome de um suposto “progresso” que jamais beneficiou a população local.

A derrubada da mata nativa da Amazônia para o comércio de madeira e a posterior formação de grandes fazendas sempre estiveram diretamente ligadas à superexploração do trabalho de migrantes pobres, vindos do Norte e do Nordeste do país e transformados em mercadorias descartáveis. **As primeiras denúncias sobre a existência da escravidão contemporânea** vieram à tona ainda no começo dos anos 1970, pela voz de Dom Pedro Casaldáliga – bispo católico de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso.

Não são apenas proprietários de terra sem recursos que cometem esse crime. Grandes empresários capitalizados também se utilizam da escravidão para potencializar seus lucros. Seja na abertura de fazendas de gado, na limpeza das lavouras de soja, no corte da cana-de-açúcar ou na queima de madeira para a produção de carvão vegetal, a realidade é que, desde 1995 até 2016, mais de 26 mil trabalhadores na Amazônia foram submetidos a condições que atentam contra os princípios básicos da dignidade humana.

“São geralmente os peões gente nova. Porém com frequência, pais de família com vários filhos. Iludidos quase sempre a respeito do pagamento, do lugar, das condições de trabalho, do atendimento médico. Tendo que pagar até a viagem – contra todo o estipulado num a posteriori decepcionante e forçado. Em sistema de empreitada que significa submeter-se, além do dono e seu gerente, às fraudes e abusos dos empreiteiros. Já na mata das fazendas, sem possibilidade de saída. Fechados no ‘inferno verde’. Controlados por pistoleiros e ‘gatos’.”

“Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social”. Dom Pedro Casaldáliga, 1971

* Os dados desse parágrafo foram extraídos do estudo O Futuro Climático da Amazônia (2014), Inpe.

+ RAIIO-X

AMAZÔNIA

Quando se fala em Amazônia, não se deve pensar apenas na floresta. Ela se espalha pelos estados da região Norte do Brasil, além do Mato Grosso e parte do Maranhão. E engloba não somente as áreas de mata intocada, mas também as cidades e as zonas rurais. Em linhas gerais, a Amazônia:



Fontes: CPT, EPE, IBGE, Inpe, MME

Fonte:

O Futuro Climático da Amazônia (2014), Inpe

O TRABALHO ESCRAVO NA AMAZÔNIA

Desde 2003, ano de lançamento do I Plano Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo, mais de 26 mil trabalhadores* foram libertados da escravidão na Amazônia em fiscalizações realizadas pelo Ministério do Trabalho, segundo sistematização da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Ao todo, ocorreram mais de duas mil operações.

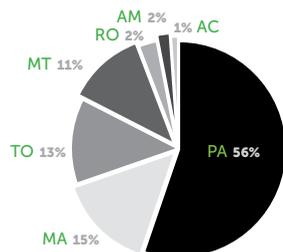
A maioria absoluta dos casos de trabalho escravo contemporâneo na Amazônia está relacionada a atividades rurais – sobretudo, à limpeza de pastos e à formação de fazendas. Outra atividade que chama atenção é a produção de carvão vegetal, que alimenta as siderúrgicas do Pólo Carajás. Mas também há casos em atividades urbanas, como na construção civil.

*De 1995 a 2016, com a vigência do combate ao trabalho escravo no Brasil, mais de 50 mil pessoas foram libertadas em todo o país.

DISTRIBUIÇÃO DE CASOS DE TRABALHO ESCRAVO NA AMAZÔNIA EM ATIVIDADES ECONÔMICAS (1995-2016)



NÚMERO DE CASOS DE TRABALHO ESCRAVO POR ESTADO (1995-2016)



Fontes: CPT e MTE



+ O QUE É TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO?

No Brasil, o “trabalho análogo ao de escravo” é definido pelo Artigo 149 do Código Penal. Trata-se de um **crime contra a dignidade humana** que não pode ser compreendido como uma mera infração à legislação trabalhista. Qualquer um dos quatro elementos a seguir pode caracterizar a escravidão contemporânea:

- » **TRABALHO FORÇADO**
ameaças e violência física ou psicológica
- » **JORNADA EXAUSTIVA**
Expediente penoso, que não deve ser confundido com horas extras, porque coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o tempo de descanso é insuficiente para recuperar as forças
- » **CONDIÇÕES DEGRADANTES**
alojamentos precários, falta de equipamentos de proteção, alimentação insalubre e falta de água potável
- » **SERVIDÃO POR DÍVIDA**
fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentos e ferramentas para “prender” o trabalhador ao local de trabalho

O conceito brasileiro de “trabalho análogo ao de escravo” é considerado uma referência pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Porém, nos últimos anos, alguns senadores e deputados federais – ligados sobretudo à chamada “Bancada Ruralista” – vêm tentando afrouxar essa definição, retirando os elementos de “jornada exaustiva” e “condições degradantes”. Se a proposta vingar, especialistas consideram que o combate ao trabalho escravo no Brasil sofrerá um duro golpe.



O (TRISTE) BICAMPEÃO

São Félix do Xingu, no sudeste do Pará, ilustra de forma exemplar como os problemas do desmatamento e do trabalho escravo andam de mãos dadas na Amazônia. Até hoje, o município já perdeu uma área de vegetação nativa equivalente a 11 vezes o tamanho da cidade de São Paulo (SP).

A floresta cedeu lugar a pastagens com 2,3 milhões de cabeças de gado. **São Félix do Xingu tem 110 mil habitantes. Isso dá uma média de 21 bois para cada ser humano!**

Infelizmente, o município não ocupa apenas o topo do pódio do desmatamento. Também **lidera o ranking do trabalho escravo**. Entre 1995 e 2016, 1609 pessoas foram libertados por fiscais do Ministério do Trabalho de condições desumanas. Eles se dedicavam principalmente a atividades de formação de pastagens, que também envolvem a derrubada de mata nativa. O dado não deixa dúvidas sobre a relação direta entre o avanço da pecuária, o desmatamento e o trabalho escravo.



OS DEZ MUNICÍPIOS MAIS DESMATADOS DA HISTÓRIA NA AMAZÔNIA

MUNICÍPIO	ÁREA DESMATADA (KM ²)	% DA ÁREA DESMATADA DO MUNICÍPIO
1. São Felix do Xingu (PA)	17.534,3	20,81%
2. Paragominas (PA)	8.689,5	44,64%
3. Porto Velho (RO)	8.633,3	24,93%
4. Marabá (PA)	8.448,9	55,73%
5. Juara (MT)	7.902,9	34,87%
6. Altamira (PA)	7.490,2	4,69%
7. Novo Repartimento (PA)	7.455,7	48,31%
8. Cumaru do Norte (PA)	7.197,3	42,08%
9. Santana do Araguaia (PA)	7.163,2	61,7%
10. Santa Maria das Barreiras (PA)	5.868,2	56,69%

Fontes: Prodes/Inpe

OS DEZ MUNICÍPIOS COM MAIOR NÚMERO DE CASOS DE TRABALHO ESCRAVO DO BRASIL ESTÃO NA AMAZÔNIA (1995-2016)

MUNICÍPIO	NÚMERO DE CASOS	NÚMERO DE TRABALHADORES
1. São Félix do Xingu (PA)	178	1609
2. Marabá (PA)	99	693
3. Açailândia (MA)	97	607
4. Rondon do Pará (PA)	66	530
5. Dom Eliseu (PA)	59	680
6. Pacajá (PA)	54	733
7. Novo Repartimento (PA)	53	226
8. Itupiranga (PA)	51	409
9. Goianésia (PA)	47	561
10. Água Azul do Norte (PA)	40	182

Fontes: CPT e MTE

AMAZÔNIA: TRABALHO ESCRAVO + DINÂMICAS CORRELATAS



- LEGENDA**
- BIOMA AMAZÔNIA
 - TERRITÓRIO BRASILEIRO
 - ARCO DO DESMATAMENTO
 - ESTRADAS
 - CONFLITOS POR TERRA
 - DESMATAMENTO
 - HIDRELÉTRICAS
 - MIGRAÇÃO
 - MINERAÇÃO
 - PECUÁRIA
 - TRABALHO ESCRAVO

+ CONFLITOS POR TERRA

Desde a década de 1960, a Amazônia é um violento palco de conflitos agrários. De um lado, latifundiários usam documentos falsos para abocanhar grandes extensões de terra. Do outro, agricultores familiares, povos indígenas e ativistas tentam defender a floresta, muitas vezes, com a vida.

DISPUTA POR TERRA

A CADA 10 CASOS NO BRASIL, 4 SÃO NA AMAZÔNIA

Em 2014, foram 442 episódios, envolvendo 43 mil famílias.

O PREÇO DA RESISTÊNCIA

Anapu (PA): homicídio da missionária Dorothy Stang (2005)
Nova Ipixuna (PA): assassinato do casal ambientalista José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito do Santo (2011)

SERRA DOS CARAJÁS

O minério de ferro é extraído do subsolo da Serra dos Carajás pela Vale, a maior mineradora do mundo. Do Pará, o minério segue de trem até os portos de São Luís (MA) e de lá é exportado para a China. Em 2015, a empresa foi condenada a pagar R\$ 804 milhões por 2 mil acidentes com trabalhadores e 12 mortes, ocorridos no Complexo Carajás.

+ HIDRELÉTRICAS

Porto Velho (RO): usinas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira
Altamira (PA): usina de Belo Monte, no rio Xingu

Ambos os municípios são campeões de desmatamento, já que a abertura de estradas e de obras de infraestrutura exercem pressão sobre a floresta, e a chegada de milhares de trabalhadores faz com que a mancha urbana reduza a mata nativa. As barragens nos rios e a formação dos lagos das usinas também fazem a vegetação local desaparecer.

Em 2009, 38 migrantes do Maranhão foram libertados do trabalho escravo. Eles trabalhavam na construção da vila, feita para atender a população que chegava por conta da usina de Jirau. Dormiam em um barracão de madeira sem camas e não tinham acesso à água potável, além de serem obrigados a pagar dívidas ilegais, criadas pelo empregador.

+ ARCO DO DESMATAMENTO

Na Amazônia, as imagens feitas por satélites das áreas devastadas na floresta formam um arco, que indica o processo de expansão da fronteira agrícola na região: a extração de madeira e a abertura de fazendas de gado e de grãos vêm consumindo as bordas da floresta, nos últimos 50 anos.

As árvores derrubadas viram carvão vegetal para siderurgia e matéria-prima para a construção civil e a indústria de móveis no Brasil e no exterior.

Essa região concentra a maior parte dos casos de trabalho escravo no país. Os trabalhadores são explorados justamente na pecuária e no desmatamento.

+ CARVÃO + FERRO

Natividade (TO): Trabalhador agredido com socos e chutes. Comida preparada com barras de sal para alimentar bois. Homens carregam nos ombros toneladas de carvão vegetal, produzido em fornos rústicos de altíssimas temperaturas. Esse era o cotidiano de 20 pessoas exploradas em condições de escravidão na Carvoaria Pedra Branca, em 2011. As carvoarias são responsáveis por 10% dos casos de escravidão na Amazônia.

Segundo a Repórter Brasil, 60% do carvão vegetal utilizado pelas siderúrgicas de ferro-gusa são produzidos a partir de árvores nativas cortadas ilegalmente. O restante é proveniente de plantações de eucalipto.

O carvão vegetal e o minério de ferro têm como principal destino as siderúrgicas que produzem ferro-gusa, a matéria-prima do aço, em municípios como **Marabá (PA)** e **Açailândia (MA)**.

+ PECUÁRIA

A criação de bovinos em latifúndios é, de longe, a principal responsável pelo desmatamento e pelo trabalho escravo na Amazônia. **De toda a área devastada da floresta até hoje, 62% foram transformados em pastagens. E, de cada dez casos de trabalho escravo, sete referem-se a trabalhadores explorados em atividades ligadas à pecuária.**

Não por acaso, a primeira propriedade rural do Brasil desapropriada por conta de trabalho escravo possuía mais de 5 mil cabeças de boi. Localizada em **Marabá**, no sudeste do Pará, a Fazenda Cabaceiras se estendia por uma área superior a 10 mil campos de futebol. Depois que o Ministério do Trabalho encontrou trabalhadores escravizados fazendo a limpeza do pasto em quatro ocasiões diferentes, entre 2001 e 2004, a fazenda foi destinada à reforma agrária e se transformou no **Projeto de Assentamento 26 de Março**.

+ MIGRAÇÃO

Em geral, o trabalhador superexplorado em fazendas e carvoarias da Amazônia é um migrante nascido em locais pobres, tem baixa escolaridade e vaga pela estrada à procura de serviço. Longe da família e da sua comunidade, torna-se mais vulnerável a violências e promessas enganosas.

PERFIL DO TRABALHADOR

- ANALFABETOS**
UM TERÇO DAS PESSOAS EXPLORADAS EM CONDIÇÕES DE ESCRAVOS NO BRASIL
- HOMENS**
DE 18 A 44 ANOS, SÃO AS PRINCIPAIS VÍTIMAS DOS ESCRAVAGISTAS
- MARANHÃO, PARÁ E BAHIA**
SÃO OS ESTADOS DE ORIGEM MAIS COMUNS DOS TRABALHADORES REDUZIDOS A ESCRAVOS

Este mapa foi elaborado com base no mapa "Amazônia de deforestação (1970 - 2013)", produzido por Red Amazônia de Informação Socioambiental/Georeferenciada

YouTube

Para aprofundar seu conhecimento sobre o assunto, assista ao nosso vídeo de facilitação gráfica "Ocupação na Amazônia": <https://goo.gl/zsqr3e>

A Amazônia é conhecida como a maior e mais bela floresta tropical do mundo. Mas, nas últimas cinco décadas, cerca de 20% de sua vegetação original foi derrubada para dar lugar a grandes empreendimentos de agropecuária, mineração e de hidroeletricidade.

A devastação da Amazônia anda de mãos dadas com a utilização de trabalho escravo contemporâneo. Este fascículo mostra como migrantes pobres são privados de sua dignidade humana em atividades de limpeza de pasto, de abertura de fazendas e de produção de carvão vegetal para siderúrgicas.

REALIZAÇÃO



APOIO



Amazônia: trabalho escravo e dinâmicas correlatas

Pesquisa e texto: Carlos Juliano Barros • *Edição:* Equipe Escravo, nem pensar!: Natália Suzuki (coordenadora), Thiago Casteli (coordenador assistente) • *Foto da capa:* João Roberto Ripper • *Projeto gráfico:* Gabi Juns

2ª edição • Tiragem: 3 mil cópias • Distribuição gratuita • Janeiro/2017

Este material foi impresso com recursos destinados pela Procuradoria Regional do Trabalho de Marabá (PA) – 8ª região

Todo conteúdo da Repórter Brasil pode ser copiado e distribuído, desde que citada a fonte – Copyleft – licença Creative Commons 2.0

Repórter Brasil Rua Bruxelas, 169, Sumaré, São Paulo/SP, CEP 01259-020 – escravonempensar@reportebrasil.org.br

www.escravonempensar.org.br •  /escravonempensar #ENP •  /EscravoNemPensar